

Se a invisibilidade marcou, por longo tempo, a condição social das crianças, adolescentes e jovens cuja presença, por força de sua minoridade política e marginalização social, pouco inflexionava a discussão pública a favor das demandas destas categorias sociais, hoje vivemos algumas mudanças significativas. Mudanças que foram promovidas pela promulgação de outro estatuto jurídico-legal desses segmentos sociais, pela sua inclusão nos novos papéis como consumidores e produtores culturais e na crescente emergência de sua ação pública, em manifestações, movimentos sociais e ocupações. Mais ainda, e não menos importante para a visibilização pública da infância, adolescência e juventude, estão os estudos científicos deste campo que cumprem uma missão política importante: trazer ao público a riqueza e a complexidade de estar no mundo contemporâneo como criança, adolescente ou jovem, de responder às interpelações do aprender, relacionar-se e crescer, ao mesmo tempo em que se é instado a construir a própria trajetória de vida de modo singular.

Nesta 33ª edição da *DESIDADES*, oferecemos ao público leitor 15 artigos inéditos, uma entrevista, três resenhas e informações sobre 23 publicações recentes na área da infância, adolescência e juventude que perfazem um cenário de temáticas e questões extremamente abrangente e instigante sobre este campo de estudos. Sobretudo, a Revista aposta na convocação da comunidade científica para publicar pesquisas sobre temáticas ainda pouco visibilizadas. Assim, na presente edição, temos a alegria de trazer a Seção Temática sobre “Bebês”, resultado de uma convocação que aprovou para a publicação oito artigos dentre os 15 ora publicados.

Ainda que foco relevante de estudos na Psicanálise e na Psicologia há mais de 100 anos, com Freud, Melanie Klein, René Spitz, Donald Winnicott, Berry Brazelton, Daniel Stern e outros pesquisadores, os bebês ainda constituem uma temática pouco frequente de investigação que provoca desafios e controvérsias, e pouco visibilizada na sua divulgação. A pergunta, “o que é uma criança?” – fundamental ao campo de estudos da infância – abrange, para muitos, o escopo de investigação de bebês. No entanto, para Tebet (2019), bebês não são crianças, constituem um campo de estudos à parte, e portanto, essa abrangência do estudo das crianças incluindo os bebês é vista como inadequada. Por outro lado, para Honig (2011), embora não devam ser investigados por meio de metodologias usualmente aplicadas no estudo das crianças, os bebês fazem parte dos estudos sociais de crianças e infâncias que necessitam avançar teoricamente na questão da diferenciação entre crianças. Para ele, estudar bebês demanda simultaneamente respostas sobre o que constitui a criança, e além disso, o que a constituiria na sua “diferenciação-bebê”.

No conjunto de artigos desta edição, a presença dos bebês é qualificada sob uma diversidade de enfoques. Rocio Aveleyra, da Universidad de San Martín, recorre a documentos históricos para investigar como a presença de bebês indígenas era representada já no final do século XIX na Argentina, ainda que, indiretamente, tratada sob temas como o aborto, o infanticídio, o parto e os primeiros anos de vida. Como sujeito que reorganiza a vida familiar, assim como desafia a vida societária – este recém-chegado ao mundo –, o bebê instaura outras formas coletivas de viver. Mariana Gouvêa, da Pontifícia Universidade Católica - PUC-Rio, analisa as novas demandas por licença maternidade e paternidade no Brasil e a implementação da licença parental pelo Projeto de Lei 1974/21; o bebê como projeto sob a perspectiva de uma gravidez-ostentação é analisado por Bianca Dramali, da Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM/Rio, que aponta para a presença do bebê ainda na vida intrauterina pela imbricação entre gravidez, consumo e performance pessoal.

De outro modo, a singularidade deste momento de vida é iluminada pelo artigo de Gisele Cervo, especialista em Psicoterapia da Infância e Adolescência, em que a autora discute a importância da corporeidade do bebê – sensações e movimentos – para a construção dos processos de simbolização e ampliação da vida psíquica. A marca deste lugar singular e diferenciado que o bebê ocupa é também analisado pelo prisma da ambiguidade, quando a ele se vem atribuir o lugar potencial de desvios da fase adulta. Com este propósito, Jaqueline Silva, Barbara Moraes e Kelly Brandão da Silva, do Programa de Pós-graduação em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP examinam os riscos de detecção precoce no campo da saúde mental a partir do diagnóstico de bebês. O óbito de bebês, tema que tem ocupado tanto os campos da saúde como da assistência, é discutido sob um outro enfoque por Helena Aguiar, doutoranda em Psicologia Clínica pela PUC-Rio: o do luto perinatal dos pais. A autora amplia esta discussão para incluir a internet como um espaço potencial que pode promover a elaboração desta experiência traumática.

Patrícia Simões, pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco - FUNDAJ e da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, faz um levantamento de como os bebês têm sido considerados nas diversas áreas do conhecimento e quais as implicações para as instituições de Educação Infantil. Por fim, no âmbito desta Seção Temática, os bebês aparecem como sujeitos “ocupantes” não apenas das pesquisas, mas também das cidades: Juliana Pito, doutoranda em Educação na Universidade de São Paulo, investiga como os bebês participam da ocupação da cidade, ao analisar o trajeto diário de uma bebê moradora de uma ocupação no centro de São Paulo até sua creche. Esse trajeto é examinado à luz de se pensar sobre o direito à cidade e à moradia – dos bebês e suas respectivas famílias, e sobre as distintas formas de viver a infância.

Assim, este conjunto de artigos mostra como a presença dos bebês nas investigações das ciências humanas e sociais tem ganhado diversidade e profundidade pelos/as pesquisadores/as na América Latina.

Na Seção Livre desta edição, se apresentam sete artigos. O tema da sexualidade, experiências sexuais de jovens e identidade sexual (crianças e adolescentes trans) é foco dos artigos, respectivamente, de Gilberto Moreno, professor da Universidade Federal de São Carlos; Tacinara Queiroz/Luis Felipe Rios, a primeira autora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e o segundo autor da Universidade Federal de Pernambuco; e de Marcela Parra/Gabriela Bercovich, ambas autoras docentes da Universidad Nacional del Comahue, Argentina. O tema da participação juvenil é trazido no artigo de Eliza Sulca, docente da Universidad Nacional de Salta, a partir das reivindicações dos direitos à educação por parte dos jovens indígenas da comunidade Las Cuevas. O tema da incapacidade na infância é analisado, por Paula Danel, da Universidad Nacional de La Plata, a partir da perspectiva de produção neoliberal de subjetividades na chave de leitura crítica do colonialismo e patriarcado. Ainda no campo da educação, Alejandro Siu, Gloria Patricia Ledesma e Jesús Penagos Santoyo, todos da Universidad Autónoma de Chiapas, analisam como, dentre as inúmeras transformações que a pandemia desencadeou, para o bem ou para o mal, algumas se destacaram por promover práticas colaborativas entre estudantes e professores. Enfim, Deni Lopes, Erica Atem, Rita Gomes e Nara Diogo Rocha, docentes e pesquisadores da Universidade Federal do Ceará, abordam o tema da medicalização das crianças na escola e da resistência aos agenciamentos que ela promove.

As três resenhas que trazemos nesta edição sinalizam discussões pulsantes no campo da infância e juventude. Luisina Morano, Camila Parodi e Greta Winckler produziram a resenha “Transformar la educación desde una perspectiva niña” do livro “Educar hasta la ternura siempre, del adultocentrismo al protagonismo de las niñas”, organizado por Gabriela Paula Magistris y Santiago Morales.

“Infâncias situadas: o que as crianças têm a dizer sobre as transformações no seu bairro?” é o título da resenha de Simone Vieira de Souza sobre o livro “As infâncias em um bairro em processo de urbanização: o ponto de vista das crianças”, de Zuleica Pretto. Por fim, Cecilia Quevedo escreveu a resenha “Estar juntos, pero estar separados. Mundos de la vida juveniles en la dimensión virtual del capitalismo contemporáneo” sobre o livro “Sensibilidades e imaginarios virtuales. Consumos tecnológicos electronales y consecuencias en la población juvenil”, de Jerjes Loayza Javier.

A entrevista online versa sobre “Infâncias e Juventudes Amazônicas: uma perspectiva descolonial sobre subjetividade e território”, com Lucia Isabel Silva da Univ. Federal do Pará, e Válder do Carmo Cruz, da Univ. Federal Fluminense.

Como em outras edições anteriores, não apenas a extensão do território brasileiro tem sido bem representada pela diversidade regional de pesquisadores/as, autores e autoras da presente edição, como também a de vários países da América Latina, Argentina, Peru, México, especificamente, que trazem suas contribuições de pesquisa e estudos no campo da infância e juventude. Neste sentido, a DESIDADES consolida-se como um campo interlocutório significativo na divulgação da pesquisa e no diálogo científico na América Latina. Além disso, como sempre, brindamos a nossos leitoras e leitores com a prospecção de 23 publicações recentes no âmbito das ciências humanas e sociais da América Latina obtidas em sites de editoras comerciais e universitárias. O levantamento contemplou obras publicadas no período de março a agosto de 2022.

Estamos felizes de poder oferecer um conjunto de textos da melhor qualidade esperando contribuir para os avanços científicos, políticos e éticos no campo de estudos da infância, adolescência e juventude!

Boa leitura!

Lucia Rabello de Castro (Editora Chefe)

Sofia Hengen (Editora Convidada)

Sonia Borges Cardoso de Oliveira (Editora Convidada e Co-Editora)

REFERÊNCIAS

HONIG, M-S.. How is the child constituted in Childhood Studies? In: Qvortrup, J, Corsaro, W. e Honig, M-S. **The Palgrave Handbook of Childhood Studies**. New York: Palgrave Macmillan, 2011, p. 62-77.

Tebet, G. ‘Isto não é uma criança!’ Teorias e métodos para o estudo de bebês nas distintas abordagens da Sociologia da Infância de língua inglesa. Tese de Doutorado em Educação, Univ. Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

Si la invisibilidad marcó, por un largo tiempo, la condición social de los niños, niñas, adolescentes y jóvenes cuya presencia, por fuerza de su minoría de edad política y marginalización social, poco movía la discusión pública a favor de las demandas de estas categorías sociales, hoy vivimos algunos cambios significativos. Cambios que fueron promovidos por la promulgación de otro estatuto jurídico-legal de estos segmentos sociales, por su inclusión en nuevos papeles como consumidores y productores culturales y en la creciente emergencia de su accionar público, en manifestaciones, movimientos sociales y ocupaciones. Pero aún, y no menos importante para la visibilización pública de la infancia, adolescencia y juventud, están los estudios científicos de este campo que cumplen una misión política importante: traer al público la riqueza y la complejidad de estar en el mundo contemporáneo como niño, niña, adolescente o joven, de responder a las interpelaciones del aprender, relacionarse y crecer, al mismo tiempo que se es instado a construir su propia trayectoria de vida de modo singular.

En esta 33ª edición de DESIDADES, ofrecemos al público lector 15 artículos inéditos, una entrevista, tres reseñas e informaciones sobre 23 publicaciones recientes en el área de la infancia, adolescencia y juventud que representan un escenario de temáticas y cuestiones extremadamente amplio e instigador sobre este campo de estudios. Sobre todo, la Revista apuesta a convocar a la comunidad científica para publicar investigaciones sobre temáticas aún poco visibilizadas. De este modo, en la presente edición, tenemos la alegría de traer la Sección Temática sobre “Bebés”, resultado de una convocatoria que aprobó para su publicación ocho artículos entre los ahora publicados.

Aun siendo foco relevante de estudios en el Psicoanálisis y en Psicología hace más de 100 años, con Freud, Melanie Klein, René Spitz, Donald Winnicott, Berry Brazelton, Daniel Stern y otros investigadores, los bebés aún constituyen una temática poco frecuente de investigación que provoca desafíos y controversias, y poco visibilizada en su divulgación. La pregunta, “¿qué es un niño?” – fundamental para el campo de estudios de la infancia – abarca, para muchos, la investigación de bebés. Sin embargo, para Tebet (2019), los bebés no son niños, constituyen un campo de estudios aparte, y, por lo tanto, esa amplitud de estudio de los niños incluyendo a los bebés es vista como inadecuada. Por otro lado, para Honig (2011), aunque no deban ser investigados por medio de metodologías usualmente aplicadas en el estudio de los niños, los bebés forman parte de los estudios sociales de niños e infancias que necesitan avanzar teóricamente en la cuestión de la diferenciación entre niños. Para él, estudiar bebés demanda simultáneamente respuestas sobre lo que constituye al niño y, además, lo que lo constituiría en su “diferenciación-bebé”.

En el conjunto de artículos de esta edición, la presencia de los bebés es calificada bajo una diversidad de enfoques. Rocio Aveleyra, de la Universidad de San Martín, recurre a documentos históricos para investigar cómo la presencia de bebés indígenas era representada ya en el final del siglo XIX en Argentina, si bien, indirectamente, tratada bajo temas como el aborto, el infanticidio, el parto y los primeros años de vida.

Como sujeto que reorganiza la vida familiar, así como desafía la vida societaria – este recién llegado al mundo –, el bebé instaaura otras formas colectivas de vivir. Mariana Gouvêa, de la Pontificia Universidade Católica - PUC-Rio, analiza las nuevas demandas de licencia por maternidad y paternidad en Brasil y la implementación de la licencia parental por el Proyecto de Ley 1974/21; el bebé como proyecto bajo la perspectiva de un embarazo-ostentación es analizado por Bianca Dramali, de la Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM/Rio, que apunta a la presencia del bebé aún en la vida intrauterina por la imbricación entre embarazo, consumo y performance personal.

De otro modo, la singularidad de este momento de la vida es iluminada por el artículo de Gisele Cervo, especialista en Psicoterapia de la Infancia y Adolescencia, en el que la autora discute la importancia de la corporeidad del bebé – sensaciones y movimientos – para la construcción de los procesos de simbolización y ampliación de la vida psíquica. La marca de este lugar singular y diferenciado que el bebé ocupa también es analizado por el prisma de la ambigüedad, cuando a él se atribuye el lugar potencial de desvíos de la fase adulta. Con este propósito, Jaqueline Silva, Barbara Moraes y Kelly Brandão da Silva, del Programa de Pós-graduação em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação de la Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP examinan los riesgos de detección precoz en el campo de la salud mental a partir del diagnóstico de bebés. La muerte de bebés, tema que ha ocupado tanto los campos de salud como de asistencia, es discutido bajo otro enfoque por Helena Aguiar, doctoranda en Psicología Clínica por la PUC-Rio: el del duelo perinatal de los padres. La autora amplía esta discusión para incluir internet como un espacio potencial que puede promover la elaboración de esta experiencia traumática.

Patricia Simões, investigadora de la Fundação Joaquim Nabuco - FUNDAJ y de la Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, hace un relevamiento de cómo los bebés han sido considerados en las diversas áreas del conocimiento y cuáles son las implicaciones para las instituciones de Educación Infantil. Finalmente, en el ámbito de esta Sección Temática, los bebés aparecen como sujetos “ocupantes” no solamente de las investigaciones, sino también de las ciudades: Juliana Pito, doctoranda en Educación en la Universidade de São Paulo, investiga cómo los bebés participan de la ocupación de la ciudad, al analizar el trayecto diario de una bebé habitante de una casa tomada en el centro de São Paulo hasta su guardería. Este trayecto es examinado a la luz de pensar sobre el derecho a la ciudad y la vivienda – de los bebés y sus respectivas familias, y sobre las distintas formas de vivir la infancia.

Así, este conjunto de artículos muestra cómo la presencia de los bebés en las investigaciones de las ciencias humanas y sociales ha ganado diversidad y profundidad por las/os investigadores en América Latina.

En la Sección Libre de esta edición, se presentan siete artículos. El tema de la sexualidad, experiencias sexuales de jóvenes e identidad sexual (niños y adolescentes trans) es foco de los artículos, respectivamente, de Gilberto Moreno, profesor de la Universidade Federal de São Carlos; Tacinara Queiroz/Luis Felipe Rios, la primera autora de la Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, y el segundo autor de la Universidade Federal de Pernambuco; y de Marcela Parra/Gabriela Bercovich, ambas autoras docentes de la Universidad Nacional del Comahue, Argentina. El tema de la participación juvenil es traído en el artículo de Eliza Sulca, docente de la Universidad Nacional de Salta, a partir de las reivindicaciones de los derechos a la educación por parte de los jóvenes indígenas de la comunidad Las Cuevas. El tema de discapacidad en la infancia es analizado por Paula Danel, de la Universidad Nacional de La Plata, a partir de la perspectiva de producción neoliberal de las subjetividades en la clave de lectura crítica del colonialismo y patriarcado. Aún en el campo de la educación, Alejandro Siu, Gloria Patricia Ledesma y Jesús Penagos Santoyo, todos de la Universidad Autónoma de Chiapas, analizan cómo, entre las innumerables transformaciones que la pandemia desencadenó, para bien o para mal, algunas sobresalieron por promover prácticas colaborativas entre estudiantes y profesores. Finalmente, Deni Lopes, Erica Atem, Rita Gomes y Nara Diogo Rocha, docentes e investigadores de la Universidade Federal do Ceará, abordan el tema de la medicalización de los niños en la escuela y de la resistencia a los negocios que promueve.

Las tres reseñas que traemos en esta edición señalan discusiones pulsantes en el campo de la infancia y la juventud. Luisina Morano, Camila Parodi y Greta Winckler produjeron la reseña “Transformar la educación desde una perspectiva niña” del libro “Educar hasta la ternura siempre, del adultocentrismo al protagonismo de las niñas”, organizado por Gabriela Paula Magistris y Santiago Morales.

“Infâncias situadas: o que as crianças têm a dizer sobre as transformações no seu bairro?” es el título de la reseña de Simone Vieira de Souza sobre el libro “As infâncias em um bairro em processo de urbanização: o ponto de vista das crianças”, de Zuleica Pretto. Para finalizar, Cecilia Quevedo escribió la reseña “Estar juntos, pero estar separados. Mundos de la vida juveniles en la dimensión virtual del capitalismo contemporáneo” sobre el libro “Sensibilidades e imaginarios virtuales. Consumos tecnológicos electronales y consecuencias en la población juvenil», de Jerjes Loayza Javier.

La entrevista online versa sobre “Infâncias e Juventudes Amazônicas: uma perspectiva descolonial sobre subjetividade e território”, con Lucia Isabel Silva da Universidade Federal do Pará, y Válder do Carmo Cruz, da Universidade Federal Fluminense.

Como en ediciones anteriores, no solamente la extensión del territorio brasileño ha sido bien representada por la diversidad regional de investigadores, autores y autoras de la presente edición, como también la de varios países de América Latina, Argentina, Perú, México, específicamente, que traen sus contribuciones de investigación y estudios en el campo de la infancia y juventud. En este sentido, DESIDADES se consolida como un campo interlocutorio significativo en la divulgación de la investigación y en el diálogo científico en América Latina. Además, como siempre, brindamos a nuestros lectores y lectoras el sondeo de 23 publicaciones recientes en el ámbito de las ciencias humanas y sociales de Latinoamérica obtenidas en sitios web de editoriales comerciales y universitarias. El relevamiento contempló obras publicadas en el período de marzo a agosto de 2022.

¡Estamos felices de poder ofrecer un conjunto de textos de la mejor calidad esperando contribuir con los avances científicos, políticos y éticos en el campo de los estudios de la infancia, adolescencia y juventud!

¡Buena lectura!

Lucia Rabello de Castro (Editora Jefe)

Sofia Hengen (Editora Invitada)

Sonia Borges Cardoso de Oliveira (Editora Invitada y Co-Editora)

REFERENCIAS

HONIG, M-S.. How is the child constituted in Childhood Studies? In: Qvortrup, J, Corsaro, W. e Honig, M-S. **The Palgrave Handbook of Childhood Studies**. New York: Palgrave Macmillan, 2011, p. 62-77.

Tebet, G. ‘Isto não é uma criança!’ Teorias e métodos para o estudo de bebês nas distintas abordagens da Sociologia da Infância de língua inglesa. Tese de Doutorado em Educação, Univ. Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.